

EDITORIAL

UECE: 50 ANOS DE EXCELÊNCIA NA EDUCAÇÃO

Era criada há 50 anos a primeira universidade pública do Estado. Neste meio século de fundação, celebrado neste mês, a Universidade Estadual do Ceará (Uece) é reconhecida como um patrimônio fundamental na educação do Estado, como um catalisador de transformações sociais e econômicas e como um instrumento de extrema relevância no desenvolvimento especialmente nos municípios, ao executar sua vocação de interiorizar a educação pública.

Nestas cinco décadas, mais de 65 mil profissionais foram formados pela Universidade, o que representa uma significativa contribuição para diversas áreas no mercado profissional e nos institutos de pesquisa e ciência. A Uece tem 15 centros e faculdades em diversas regiões do Estado, fazendo com que milhares de cearenses tenham acesso à educação de qualidade e se capacitem.

A Uece tem hoje os campi em Fortaleza (campus Itaperi, Campus de Fátima e 25 de Março)

e no Interior, nos municípios de Itapipoca, Crateús, Limoeiro do Norte, Quixadá, Iguatu, Mombaça, Tauá, Quixeramobim, Canindé, Aracati, Pacoti e Guaiúba. São 18.088 alunos de graduação matriculados, dos quais 71,3% são oriundos de escolas públicas. Além disso, há 4.362 estudantes matriculados na pós-graduação.

Na última segunda, dia 10, a Universidade foi celebrada em sessão solene na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece), com a homenagem aos ex-reitores da instituição. Foi um momento de relembrar o quanto a universidade pública é capaz de mudar vidas e transformar a realidade de locais com a promoção do conhecimento. A Uece teve, desde a sua fundação, 13 reitores.

O POVO se orgulha de ter noticiado, na edição de 10 de março de 1975, em manchete na página 10: “Universidade pronta para ser implantada”. Informou: “Ao homologar, domingo passado, a Resolução No 2, do Conselho Deliberativo da Fundação Educacional do Ceará, o governador Cesar Cals deu o último passo na estruturação jurídica e administrativa da Universidade Estadual do Ceará, a que a FUNEDUCE se propôs. Segundo a lei No. 9.753 [...], coube à Fundação criar as condições para a criação de uma Universidade Estadual. A instituição, presidida por dona Antonieta Cals de Oliveira,

[...] sugeriu ao Governador, então que as suas escolas de aglutinassem numa Universidade.” (sic)

Desse modo, meio século depois, O POVO parabeniza à instituição pela existência e, sobretudo, pelos serviços de alta qualidade prestados à sociedade, por meio de docentes com nível de excelência e de técnicos responsáveis e igualmente comprometidos com a educação.

É um dever da sociedade honrar a Universidade Estadual do Ceará (Uece) pelos discentes que já capacitou e por toda a contribuição à pesquisa. Espera-se que o Governo do Estado não meça esforços a fim de manter sempre a régua da qualidade que a instituição serve, com recursos humanos e financeiros. Isso se faz minimamente com estrutura adequada nas salas, laboratórios e demais espaços dos campi, professores em quantidade suficiente para atender toda a demanda da comunidade universitária e recursos para pesquisa e extensão. Vida longa à Uece! ■

OPOVO

FUNDADO EM 7 DE JANEIRO DE 1928 POR DEMÓCRITO ROCHA

PRESIDENTE INSTITUCIONAL & PUBLISHER
Luciana Dummar

PRESIDENTE-EXECUTIVO
João Dummar Neto

DIRETORES DE JORNALISMO
Ana Naddaf
Erick Guimarães

DIRETOR DE JORNALISMO RÁDIOS
Jocélio Leal

DIRETOR DE ESTRATÉGIA DIGITAL
E NOVOS NEGÓCIOS
Filipe Dummar

DIRETOR DE NEGÓCIOS
Alexandre Medina Néri

DIRETORA DE GENTE E GESTÃO
Cecília Eurides

DIRETOR CORPORATIVO
Cliff Villar

DIRETOR DE OPINIÃO
Gualter George

EDITORIALISTA-CHEFE E
EDITOR DE DIVERSIDADE E INCLUSÃO
Plínio Bortolotti

CONSELHO EDITORIAL

Adisia Sá; Diatáhy Bezerra de Menezes;
Fausto Nilo; Francisco José de Lima Matos;
Lino Vilaventura; Manfred Oliveira;
Plínio Bortolotti; Raimundo Padilha;
Roberto Macedo; Valdemar Menezes;
Wânia Cysne Dummar

DIRETORIA DE JORNALISMO

DIRETORES DE JORNALISMO

Ana Naddaf
Erick Guimarães

DIRETOR DE JORNALISMO RÁDIOS
Jocélio Leal

EDITORES-CHEFES
André Bloc, Beatriz Cavalcante, Chico Marinho,
Clóvis Holanda, Cristiane Frota, Erico Firmo,
Fátima Sudário, Gil Dicelli, Isabel Costa,
Joelma Leal, Lucas Mota, Neila Fontenele,
Tânia Alves e Thadeu Braga

EDITORES-ADJUNTOS
Alan Magno, Demitri Túlio, Irna Cavalcante,
Ítalo Coriolano, Júlio Caesar,
Marcela Tosi, Marcos Sampaio,
Rubens Rodrigues e Sara Oliveira

EDITORA DE MÍDIAS SOCIAIS
Glenna Cherice

REDATORA DE CAPA E FAROL
Domitila Andrade

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO
Daniela Nogueira

OMBUDSMAN
João Marcelo Sena

EMPRESA JORNALÍSTICA O POVO S.A.
Av. Aguanambi, 282 - Joaquim Távora
CEP 60055-402 - Fortaleza - CE - PABX: 3254 1010
CNPJ: 07.222.565/0001-62
www.opovo.com.br

GALERIA DE PRESIDENTES



Demócrito
Rocha
1928 - 1943



Paulo
Sarasate
1943 - 1968



Creuza
Rocha
1968 - 1974



Albanisa
Sarasate
1974 - 1985



Demócrito
Dummar
1985 - 2008

ATENDIMENTO
AO LEITOR E ASSINANTE

3254 1010

mercadoassinante@opovo.com.br

AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS: Agência Estado, Agência
France Press e Gazeta Esportiva

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO EM BRÁSILIA:
MÍDIA DISTRIBUIDORA DE JORNALIS LTDA - Aeroporto
Internacional de Brasília Pres. Juscelino Kubitschek;
Setor de Locadoras, lote nº 14, salas 03 e 04;
CEP: 71608-900 - Brasília/DF;
Telefone: (0XX61) 364 9900. Fax: (0XX61) 364 9901
E-mail: idiadistribuidora@grupomidia.com.br

PREÇO DO EXEMPLAR NO CEARÁ:
segunda a sábado: R\$ 4,00; domingo: R\$ 5,00
OUTROS ESTADOS DO NORDESTE:
segunda a sábado: R\$ 6,00; domingo: R\$ 8,00
OUTROS ESTADOS:
segunda a sábado: R\$ 6,00; domingo: R\$ 10,00
ASSINATURA ANUAL: R\$ 1.492,00



ARTIGOS

“As leis não bastam...”



Mariana Pedrosa

mariana@
marianagomespedrosa.adv.br

Advogada,
conselheira federal
da OAB e presidente
do IBDIFAM-Cariri

A estrutura cultural da sociedade contemporânea é o patriarcado. Em leis como os Dez Mandamentos, das Doze Tábuas e Código de Hamurabi, a mulher era objetificada. Constava na lista de bens do marido.

No Brasil, o Código Civil de 1916 relegava às mulheres um papel de submissão. Eram consideradas relativamente incapazes. O marido era quem autorizava o seu ingresso no mercado de trabalho. O reconhecimento da capacidade civil veio com o Estatuto da Mulher Casada (1962). Em 1977, avançamos com a Lei do Divórcio, mas persistia

norma como a da anulação do casamento caso a esposa não fosse virgem, revogada somente em 2002.

Apenas com a Constituição Federal de 1988 conquistamos a igualdade entre homens e mulheres. E a equidade, dentro e fora da sociedade familiar, continuou com o Código Civil de 2002. Em 2006, entrou em vigor a Lei Maria da Penha. Nove anos depois, a Lei do Feminicídio, que completa 10 anos neste mês.

Mesmo com a evolução legislativa para proteção às mulheres, a desigualdade e a violência de gênero são problemas enraizados em várias dimensões da vida social, econômica, política e cultural.

A pesquisa “Visível e Invisível”, encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2025) revela dados alarmantes da violência contra as mulheres. São os maiores níveis verificados ao longo

de 8 anos da primeira pesquisa (2017). Constatou-se que 37,5% de brasileiras sofreram violência física, sexual ou psicológica nos últimos 12 meses. 40% dessas agressões foram de autoria de parceiros íntimos. E o pior: 47,4% das vítimas não fizeram nada contra a conduta sofrida, o que demonstra o grande índice de subnotificação e a persistência de barreiras estruturais, emocionais e institucionais que dificultam a busca por apoio e proteção.

Como todo avanço incomoda os interessados na manutenção do estado anterior, o aumento da violência de gênero seria um efeito rebote às demandas feministas por seus direitos?

É fato que os grupos ultraconservadores elegeram, dentre outras pautas, o combate à igualdade de gênero. E o alastramento da infomisinia, como os Red Pills e os “masculinistas”, ampliam vozes a favor do machismo e de ações em desfavor das mulheres, cooptando seguidores no mundo digital obscuro (deep web). Hospedam comunidades compostas por homens supremacistas brancos, com ódio às mulheres, em especial negras ou simplesmente empoderadas. E ainda compartilham manuais de estupro.

Uma sociedade imersa na crueldade de discursos hostis às mulheres, proferidos reiteradamente por pessoas públicas e até por autoridades, geram uma espécie de “autorização” aos agressores a repetirem as mesmas condutas criminosas, situação que perpetua os abusos contra meninas e mulheres. Precisamos mudar essa realidade, afinal “as leis não bastam. Os lírios não nascem das leis” (Drummond). ■

Júlio Salles: missão cumprida



Ernesto Antunes

ernesto_antunes@yahoo.com.br

Consultor
empresarial do
Sebrae e Senai

Como amante do rádio, desde a época da extinta Rádio Uirapuru, que eu frequentava como um adolescente curioso pela comunicação, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, senti uma prazerosa sensação de conviver com grandes radialistas como Cid Carvalho, Will

Nogueira, Carlos Fred e Júlio da Imperatriz Salles, como era chamado pelos mais íntimos. Nessa época, já acompanhava as narrações esportivas, do Júlio Salles, de Tom Barros e de Vilar Marques, pelo rádio.

Com a notícia do falecimento de Júlio Salles, que, como a maioria dos radialistas da época, narrava os jogos com o coração, extravasando emoção na narração dos gols, principalmente do seu Fortaleza, fiquei bastante tocado.

Parece incrível, mas Júlio tinha essa premonição em alguns jogos e normalmente apostava nas suas intuições e vivência no futebol. Fico sempre imaginando um profissional do rádio que consiga transmitir, a emoção de um jogo de futebol, basquete ou futsal, somente com sua

voz forte. Quando parece que estamos juntos, vivendo a mesma emoção.

Quando gritava no momento dos gols do Fortaleza, o seu “mata-leão” empolgava até quem não era torcedor do Tricolor. Ainda batizou vários jogadores, como o Capivara, a Maravilha Negra, o Pantera e até o Homem Raio, o preferido nas suas narrações de gols.

Trazer para a nossa realidade atual o exemplo de profissionalismo e paixão de Júlio pelo que fazia deve servir de inspiração. Com mais de 80 anos, ele atuava sempre, seja às 6h da manhã ou às 11h da noite, e tinha fôlego para comandar programas esportivos como se fosse ainda um iniciante.

Admiro pessoas que, com trabalho, paixão e determinação, conseguem ocupar espaços e continuar produtivas, com milhares de seguidores. Esse é o papel de um líder, que, além de liderar pelo exemplo no que faz, consegue representar uma camada do público que o acompanha.

Portanto, que apareçam outros profissionais como ele, que, independentemente da missão, fazia do seu trabalho um instrumento de entretenimento e emoção para os que o acompanhavam. ■

PARA FALAR COM A GENTE

OMBUDSMAN

ombudsman@opovodigital.com

WHATSAAPP

(85) 98895 9807

E-MAIL

opiniao@opovo.com.br

TELEFONES

(85) 3255 6104 ou 3255 6129